

Impulsionar os investimentos em energia nos Estados frágeis

Mais de **800 milhões** de pessoas em todo o mundo não têm acesso à energia elétrica. Igualmente, mais de **8 em cada 10** delas vivem em Estados frágeis.

Estados frágeis são países caracterizados por conflitos, falta de segurança pública, fraca capacidade governamental e sociedades polarizadas. Além disso, há outro bilhão de pessoas nestes contextos que não têm acesso à rede elétrica de forma suficientemente regular para suportar a subsistência de agricultores e empreendedores. Ter energia financeiramente acessível é um fator crítico para impulsionar as oportunidades econômicas necessárias para tirar as pessoas a sair da pobreza e permitir que esses países escapem da fragilidade.

Enquanto aspiramos à reconstrução de um mundo pós-Covid-19 mais resiliente e inclusivo, não devemos esquecer aqueles que vivem nos lugares mais desafiantes do mundo. O investimento em energia limpa e sustentável proporciona um meio fundamental para quebrar o ciclo de fragilidade e pavimentar o caminho para um futuro, mais promissor, tanto para Estados frágeis e afetados por conflitos, bem como para suas populações.

Até ao presente momento, tem ocorrido uma falha em mobilizar os investimentos suficientes para suprimir as lacunas de acesso à energia – na verdade, em muitos ambientes frágeis, essas lacunas [estão aumentando](#). Contudo, os avanços tecnológicos atuais possibilitam fornecer energia a residências, escolas e empresas que se encontrem nesses contextos, bem como fazê-lo de forma ambientalmente sustentável.

Por que isso deve ser uma prioridade?

A fragilidade e pobreza energética estão intimamente interligadas.

A fragilidade dificulta o desenvolvimento, incluindo as melhorias no acesso à energia. Por sua vez, a falta de desenvolvimento cria condições estruturais que levam à persistência de instabilidade e conflito. A fragilidade não só condena as pessoas à pobreza extrema, mas também afeta o resto do mundo – levando à migração em massa, ao terrorismo e ao tráfico. O acesso à energia é o elemento chave para construir a paz e ajudar esses países a escapar da fragilidade torna-nos a todos mais seguros.

Expandir o acesso à energia em contextos frágeis é mais urgente – e atingível – do que nunca.

A Covid-19 desencadeou um choque econômico sem precedentes para estes países, exacerbando as vulnerabilidades pré-existentes. Contudo, temos uma oportunidade para dar um salto quântico ao expandir o acesso à energia limpa e acessível para todos, para estimular a recuperação econômica e aumentar a estabilidade.

Graças às [reduções significativas de custo](#) e às melhorias na qualidade de tecnologias de energias renováveis distribuídas, como mini painéis solares ou soluções fora da rede, hoje temos uma convergência sobre o que é bom para o clima, o que é necessário para desbloquear o crescimento econômico em Estados frágeis, e o que é tecnologicamente viável.

Como isso pode ser alcançado?

Para que soluções energéticas dêem certo em contextos frágeis, elas devem ser resilientes em face a conflitos e incertezas, mas também acessíveis e ambientalmente sustentáveis.

Os sistemas de geração distribuída têm muito potencial, pois são modulares e diluem o risco, tornando-os menos vulneráveis aos riscos de ponto único de falha associados a projetos de grande porte e centralizados.

Muitos Estados frágeis possuem significativas fontes de energia renováveis que estão longe de ser totalmente exploradas. O aproveitamento desses recursos permitiria soluções de energia benéficas para o clima. No entanto, os compromissos financeiros com soluções fora da rede em países com as maiores lacunas de acesso à energia – entre os quais vários são considerados Estados frágeis – permanece surpreendentemente baixo, com apenas [1,1% do financiamento total](#) para a eletricidade, ou 460 milhões de dólares americanos globalmente em 2018.

Novos compromissos e parcerias podem catalisar investimentos em energia. Elogiamos iniciativas como o [IRENA Sustainable Energy Marketplace](#) e [Peace Renewable Energy Credits](#) e parcerias como a [Sustainable Energy for All, IRENA/ADFD Project Facility](#), e a [Green and Equitable Recovery Call to Action](#). Apelamos a essas e outras que prestem atenção especial à expansão do acesso à energia em contextos frágeis.

O setor privado e as agências internacionais de apoio ao desenvolvimento, apoiados por instituições de financiamento do desenvolvimento (IFDs), devem trabalhar em estreita colaboração com os governos de Estados frágeis para desenvolver mecanismos de financiamento, estruturas regulatórias e modelos de negócios que possam ser implementados em grande escala para apoiar os investimentos em energia renovável.

Nós, os signatários, comprometemo-nos a trabalhar juntos para tornar em realidade um maior acesso à energia em contextos frágeis. Pedimos aos nossos colegas e parceiros para nos ajudar a realizar o seguinte:

1 O G7 deve fazer da expansão do acesso à energia em contextos frágeis uma prioridade para o próximo ano.

O Reino Unido, como anfitrião da 47ª Cimeira do G7 e da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP26) em 2021, deve convocar as IFDs, empresas do setor privado e investidores, e governos dos Estados frágeis, para conceber meios práticos de levar a eletricidade a milhões de pessoas na próxima década. O aumento da ajuda bilateral para energia será um elemento vital dos esforços de aumento em escala.

2 As IFDs devem aumentar os investimentos em energia em contextos frágeis.

As IFDs têm um papel fundamental a desempenhar na distribuição estratégica de fundos públicos para compensar os riscos e custos mais elevados associados a contextos frágeis, garantindo que as empresas do setor privado possam participar.

3 Os recursos financeiros, a experiência e a eficiência de gestão do setor privado são elementos essenciais para se alcançar a escala de distribuição necessária.

Novos mecanismos de financiamento podem garantir que retornos comercialmente viáveis possam ser obtidos. Adicionalmente, a participação do setor privado complementaria a capacidade do governo de impulsionar o desenvolvimento do setor.

4 As instituições multilaterais devem aumentar o acesso a instrumentos de apoio a investimentos em contextos frágeis.

Por exemplo, de 2010 a 2019, apenas 10% do novo volume de garantia da Agência Multilateral de Garantia de Investimentos estava em estados frágeis. Os instrumentos de gestão de risco cambial e o seguro de risco político devem ser mais acessíveis para contextos frágeis, bem como estendidos a investidores nacionais e estrangeiros.

5 Os governos devem desenvolver estruturas regulatórias para apoiar os investimentos em energia e se comprometer à transparência e com o Estado de Direito.

Será necessário o apoio de agências internacionais de apoio ao desenvolvimento para fortalecer a capacidade e o papel das instituições estatais e aumentar as capacidades de trabalhadores locais no setor de energia.

6 Melhorar a recolha e disponibilidade de dados sobre investimentos em energia em Estados frágeis.

Isso permitiria o rastreamento de compromissos e apoiar esforços valiosos de pesquisa para avaliar projetos e informar os responsáveis pela implementação de políticas públicas.

Nunca antes os Estados frágeis correram tanto risco de ficar para trás em relação ao resto do mundo. Além disso, os perigos globais da fragilidade – a pobreza extrema, migração em massa e terrorismo – nunca foram tão sérios como agora. A expansão do acesso à energia é essencial para permitir que esses estados escapem da fragilidade e consigam alcançar um maior crescimento e desenvolvimento.■

Organizado por:

Council on State Fragility

Ellen Johnson Sirleaf, Former President of Liberia | **David Cameron**, Former Prime Minister of the United Kingdom | **Donald Kaberuka**, Special Envoy of the African Union's Peace Fund | **Amat Al Alim Alsoswa**, Former Minister of Human Rights of Yemen | **Lakhdar Brahimi**, Former UN Special Envoy | **Isobel Coleman**, Former COO of GiveDirectly | **Paul Collier**, Director of IGC | **Mo Ibrahim**, Founder and Chair of the Mo Ibrahim Foundation | **Olusegun Obasanjo**, UN Special Envoy for Africa | **Minouche Shafik**, Director of The London School of Economics and Political Science | **Rajiv Shah**, President of The Rockefeller Foundation | **Tidjane Thiam**, Special Envoy of the African Union

The g7+ group

Afghanistan | Burundi | Central African Republic | Chad | Comoros | Côte d'Ivoire | Democratic Republic of the Congo | Guinea | Guinea-Bissau | Haiti | Liberia | Papua New Guinea | Sierra Leone | Somalia | São Tomé and Príncipe | Solomon Islands | South Sudan | Timor-Leste | Togo | Yemen

Assinado por:

Akinwumi Adesina, President of the African Development Bank | **Joaquim Alberto Chissano**, Former President of Mozambique | **Etienne Davignon**, President of Friends of Europe | **Saliem Fakir**, Executive Director of the African Climate Foundation | **Ashraf Ghani**, President of Afghanistan | **Abdalla Hamdok**, Prime Minister of Sudan | **Connie Hedegaard**, co-Chair of the Africa Europe Foundation Energy Strategy Group | **Paul Kagame**, President of Rwanda | **Horst Köhler**, Former President of Germany | **Ibrahim Mayaki**, CEO of African Union Development Agency-New Partnership for Africa's Development and Former Prime Minister of Niger | **Susanna Moorehead**, Chair of the OECD Development Assistance Committee | **Ngozi Okonjo-Iweala**, Director-General of the World Trade Organization | **Pedro Pires**, Former President of Cape Verde | **Hifikepunye Pohamba**, Former President of Namibia | **José Ramos-Horta**, Former President of Timor-Leste | **Mary Robinson**, Chair of the Elders | **Maeen Abdulmalik Saeed**, Prime Minister of Yemen | **Juan Manuel Santos**, Former President of Colombia | **Gayle Smith**, President and CEO of ONE Campaign | **Vera Songwe**, Executive Secretary of the United Nations Economic Commission for Africa | **Kandeh Yumkella**, co-Chair of the Africa Europe Foundation Energy Strategy Group | **Mohammed Yunus**, Founder of Grameen Bank

[Africa Europe Foundation](#) | [African Climate and Development Institute, University of Cape Town](#) | [All On](#) | [Asian Development Bank](#) | [auctusESG](#) | [Bboxx](#) | [Climate Policy Initiative](#) | [Empirical Studies of Conflict, Princeton University](#) | [Energy Peace Partners](#) | [Global Association for the Off-grid Solar Energy Industry](#) | [Grantham Research Institute on Climate Change and the Environment, London School of Economics and Political Science](#) | [International Growth Centre](#) | [International Renewable Energy Agency Coalition for Action](#) | [Mo Ibrahim Foundation](#) | [Meridiam](#) | [Nuru](#) | [Payne Institute for Public Policy, Colorado School of Mines](#) | [Regional Center for Renewable Energy and Energy Efficiency, Arab League](#) | [The Rockefeller Foundation](#) | [Shell Foundation](#) | [SouthSouthNorth](#) | [Sustainable Energy for All](#) | [United Nations Development Programme](#) | [United Nations Economic and Social Commission for Asia and the Pacific](#) | [United States Institute of Peace](#)

www.fragilitycouncil.org | www.g7plus.org
